



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA (UNILAB)**

**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH**

**BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES - BHU**

**SUELLEN RODRIGUES ROMÃO**

**DE ELAS COM ELAS E PARA ELAS: MULHERES NEGRAS NO RAP NACIONAL  
EM FORTALEZA - CEARÁ**

REDENÇÃO-CE

2022

**SUELLEN RODRIGUES ROMÃO**

**DE ELAS COM ELAS E PARA ELAS: MULHERES NEGRAS NO RAP NACIONAL  
EM FORTALEZA - CEARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado em formato de monografia ao curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do Título em Bacharela em Humanidades.

**Orientadora:** Prof. Dra. Jacqueline da Silva Costa

REDENÇÃO – CE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Romão, Suellen Rodrigues.

R668d

De elas com elas e para elas: mulheres negras no rap nacional em Fortaleza - Ceará / Suellen Rodrigues Romão. - Redenção, 2022.  
40f: il.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jacqueline da Silva Costa.

1. Rap (Música). 2. Mulheres negras. 3. Narrativas pessoais.  
I. Título

CE/UF/BSP

CDD 305.480981

---

**SUELLEN RODRIGUES ROMÃO**

**DE ELAS COM ELAS E PARA ELAS: MULHERES NEGRAS NO RAP NACIONAL  
EM FORTALEZA – CEARÁ**

Monografia apresentada à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro - Brasileira (UNILAB), como requisito final para obtenção de título de Bacharela em Humanidades.

Aprovado em: 04 de agosto de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**



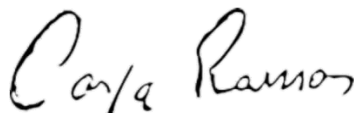
---

Prof.ª. Dr.ª Jacqueline da Silva Costa – UNILAB  
Orientadora



---

Prof.ª Dr.ª Carolina Maria Costa Bernardo – UNILAB  
Examinadora Interna



---

Prof.ª Dr.ª Carla Ramos  
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)  
Examinadora Externa

## **Primeiras palavras as minhas leitoras e meus leitores**

Se você chegou até meu trabalho, acredito que seu interesse pelo título ou pela minha pessoa foi seu impulsionador. Se você está na construção do seu trabalho, eu quero te dizer que **VOCÊ É CAPAZ!** Tenha essa certeza no seu coração e guarde essas palavras para sua vida; você é capaz de conseguir tudo aquilo que você desejar, você só precisa tentar, confesso que por vezes o processo vai te desgastar, você vai sentir vontade de desistir e pensar que não consegue, mas acredite, é só mais um trabalho igual aos milhares que você já fez. Orgulhe-se do seu processo, da sua caminhada e de quem você está se tornando. Às vezes precisamos nos quebrar para nos remontarmos de outra forma, ou virar do avesso e perceber que aquele era o lado certo.

Quando Belchior (1976) disse: *Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte, por que apesar de muito moço, me sinto são, e salvo e forte. E tenho comigo pensado: Deus é brasileiro e anda do meu lado e assim já não posso sofrer, no ano passado. Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro, ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro!* Vejo como um grito de esperança, de que por mais difícil que a vida pareça ser, sempre se pode amadurecer a partir de situações que nos atravessam. Por mais que nos pisem que tentem nos humilhar e que nos queiram mal, vão ter que engolir quando estivermos no topo. E já dizia nossa saudosíssima Angela Davis, que precisamos ser “Resistências nas salas de aula, resistência no trabalho, resistência em nossa arte e em nossa música. Este é apenas o começo.” E nas palavras da inimitável Ella Baker: *Nós, que acreditamos na liberdade não podemos descansar até que ela venha.* Este é apenas o começo de minha trajetória, e eu garanto a todos e à cada um, que ainda ouvirem falar muito no meu nome.

*Nem tudo é como queremos e nem tudo é tão fácil quanto parece. Entre sorrisos e lágrimas, a gente vai vivendo. Dia após dia, com uma noite no meio, refletindo sobre dilemas e complexos quase indecifráveis, mas acredite no que eu vou dizer, não passaremos por essa vida sem chorar, e sorrir, e aprender, e crescer. Viver às vezes é muito fácil, mas a gente na maioria das vezes dificulta a nossa vida.* Suellen (2019). Fanon (2008) foi cirúrgico quando nos disse que “O problema não é mais conhecer o mundo, mas transformá-lo”, a gente vem desconstruindo muita coisa e isso é importantíssimo, mas acredito que precisamos começar a construir e construiremos um mundo novo, para as gerações de nossos filhos e netos, precisamos transformar esse mundo.

## EPÍGRAFE

Até meu jeito é o dela  
Amor cego, escutando com o coração a luz do peito dela  
Descreve o efeito dela, breve, intenso, imenso  
Ao ponto de agradecer até os defeito dela  
Esses dias achei na minha caligrafia tua letra  
E as lágrima molha a caneta  
Desafia, vai dar mó treta  
Quando disser que vi Deus  
**Ele era uma mulher preta**  
“Mãe” – Emicida

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho para todas aquelas que performam a vida em um corpo feminino preto, em especial para minha mãe, minhas avós, minhas tias, minha irmã, minhas professoras, minhas amigas. As mulheres que contribuíram com essa pesquisa, minha orientadora e as mulheres que me cederam sua voz e narrativas, Yasmin e Maria Cristina (nomes fictícios). E para todos/as aqueles/as que já tiverem o sentimento de terem sido diminuídos/as em algum momento da vida, por sua cor, classe ou gênero eu vos dedico!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que é força motriz para que eu me tornasse quem eu sou hoje, que é minha base e em tudo que desejo fazer em minha vida, que sempre me guiou em seu caminho e na sua graça, que nunca me deixou faltar nada durante esse processo, por mais difícil que parecesse, nunca me abandonou, e me abriu portas em lugares onde não existiam nem paredes. Agradeço a meus pais, que são a minha maior motivação, que me sustentam de todas as formas imagináveis, que fizeram e fazem de tudo para o meu sucesso e minha felicidade. Agradeço aos meus/minhas amigos/as, que foram minha segunda família nesse processo, não citarei nomes para não ser injusta com nenhum/a deles/as, mas eles/as sabem de quem estou falando, sabem que foram de suma importância nesse processo, pois nos momentos de que mais precisei eles sempre estiveram ao meu lado me apoiando com todas as forças que tinham.

Agradeço ao meu noivo, Italo que acreditou em mim, mesmo quando nem eu mesma acreditava, que passou noites mal dormidas ao meu lado enquanto eu sofria tentando espremer o máximo de conhecimento que me restava, que foi um dos meus maiores incentivadores e me deu todo o suporte necessário para que eu nunca descreditasse da potência que existe dentro de mim. Agradeço a Professora Jacqueline, que foi a melhor escolha que eu podia ter feito para me ajudar nesse processo; Jack me deu todo o suporte, além do acadêmico, foi minha orientadora, minha amiga, minha ouvinte, me deu o caminho das pedras e me guiou durante o percurso, seria impensável realizar esse trabalho sem a sua presença!

E por último e não menos importante, agradeço a mim, por nunca ter desistido, por ter abdicado de vontades prazerosas, por ter aguentado firme mesmo com várias pessoas duvidando de minha capacidade, por ter continuado mesmo quando a energia era pouca, mesmo quando meus cabelos caíam de preocupação, quando as crises de ansiedade se tornaram frequentes, quando dormir era quase impossível. Obrigada Suellen, por nunca ter desistido de você, nem do seu futuro, nem dos seus sonhos. Eu acredito que tudo na nossa vida acontece por um motivo, e eu confio cegamente no propósito que Deus tem para a minha vida, sem dúvida foi um dos maiores motivos que me deram gás para continuar minha caminhada.

## RESUMO

A presente pesquisa de TCC intitulada *De elas com elas e para elas: mulheres negras no rap nacional em Fortaleza – Ceará*, realizou uma análise interseccional sobre as vivências das sujeitas perpassados por marcadores sociais da diferença, de gênero, raça, geração e sexualidade que influenciam diretamente em suas experiências e narrativas, compreendendo o que se entende enquanto solidão para esses corpos. Demonstrando por meio de um aparato teórico e epistemológico a construção dessas categorias sociais e como ELAS atuam na forma de dominação dos corpos. A diferença vista como subalternidade, mas que as sujeitas realizam também subversões mediante esses processos de discriminações. A ferramenta metodológica utilizada é a etnografia e sua observação participante, acrescentando a entrevista semiestruturada como estratégia de coleta de dados subjetivos. Promoverá visibilidade às narrativas silenciadas historicamente por uma voz branca hegemônica patriarcal. Abrindo passos para o planejamento de uma justiça social democrática e elaboração de políticas públicas específicas.

**Palavras – chaves:** ELAS, interseccional, narrativas, rap.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2.</b>	<b>PROBLEMA DE PESQUISA.....</b>	<b>10</b>
<b>3.</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>11</b>
<b>3.1</b>	<b>Como o racismo chega até mim .....</b>	<b>11</b>
<b>3.2</b>	<b>Intelectualidade Negra e a presença negra na universidade: UNILAB.....</b>	<b>13</b>
<b>3.3</b>	<b>A trajetória do Rap no Brasil .....</b>	<b>19</b>
<b>3.4</b>	<b>A presença feminina no Rap.....</b>	<b>21</b>
<b>4.</b>	<b>METODOLOGIAS E MÉTODOS.....</b>	<b>25</b>
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DAS NARRATIVAS .....</b>	<b>28</b>
<b>5.1</b>	<b>Sobre o que o rap representa na vida dessas mulheres.....</b>	<b>28</b>
<b>5.2</b>	<b>Sobre como o rap contribui para as ações de resistência na luta antimachista e na produção de conhecimento .....</b>	<b>29</b>
<b>5.3</b>	<b>Mulheres inseridas no Movimento .....</b>	<b>30</b>
<b>5.4</b>	<b>Representatividade feminina .....</b>	<b>31</b>
<b>5.5</b>	<b>Temas geradores das músicas.....</b>	<b>33</b>
<b>6.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>7.</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>38</b>

## 1. INTRODUÇÃO

*“E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.”*

*(Lélia Gonzalez, Racismo e sexismo na cultura brasileira.)*

O presente trabalho tinha como objetivo realizar uma análise qualitativa de canções do grupo de rap nacional Racionais Mc's elaboradas na década de 1990 e as denúncias de racismo e desigualdade social presentes nessas músicas. As análises se dariam a partir de uma abordagem decolonial destacando a importância da arte-educação como forma de resistência periférica.

Meu primeiro contato com o movimento do rap, que considero um movimento antirracista, foi a partir de músicas de rap, especificamente com o grupo Racionais Mc's, o que me mostra que majoritariamente os homens são dominantes no movimento. Desde muito nova ouvia rap mesmo sem ter dimensão do que de fato estava ouvindo, depois de alguns anos ouvindo e percebendo cenários ao meu redor pude perceber como aquelas músicas retratavam as vidas e realidades que estavam próximas a mim. A música foi muito presente na minha vida, aliás fiz parte de uma banda de música durante cinco anos da minha adolescência, onde de vinte cinco músicos, tinham apenas 3 mulheres, e eu era a única mulher negra. Como alguém que esteve inserida no mundo artístico musical, posso dizer que para nós mulheres é opressor em todos os sentidos possíveis. A música, sons e melodias como forma de expressão foram presentes na minha história desde criança. Lembro-me perfeitamente do meu primeiro aparelho celular, onde não havia nem chip, muito menos internet, no entanto ele tinha várias músicas e grande parte delas eram músicas de rap e todas elas eram de homens, então trabalhar com esse material é uma forma de mostrar para a comunidade acadêmica e social a realidade que eu também vivenciei.

Me senti parte do problema fazendo mais um trabalho acadêmico que tivesse como foco central um grupo masculino, por esse motivo a pesquisa terá uma perspectiva feminina, para que de fato pudesse ser feito um trabalho que fosse ao encontro com a quebra desejada por mim, autora da pesquisa. Visando debater com mulheres que estejam inseridas dentro do movimento, sua realidade vivenciada em ambientes formados por homens, tendo como objetivo analisar as narrativas e as letras de músicas elaboradas por rappers mulheres e negras,

percebendo o efeito e a relevância desse fenômeno na vida dessas jovens de periferia e como isso afeta, as atravessa e como impacta sua realidade, assim como entender o que é realizado a partir de suas vivências no movimento. Ter acesso ao livro de Bell Hooks, “Intelectuais Negras” em minha formação acadêmica foi de suma importância, para exorcizar demônios que eu carregava comigo desde a infância, além de ter aflorado em mim o sentimento de falar/ouvir corpos que fossem parecidos com o meu; feminino e preto.

A temática do passado escravagista brasileiro, bem como a estrutura do racismo é, mais uma vez, fundamental para a construção de identidades. Há nas narrativas de mulheres negras presentes no movimento do Rap, a articulação a partir da tradução e interação de elementos antagônicos do ponto de vista do debate político e social. O racismo estrutural presente na sociedade que as canções fazem referência, tem pressupostos e fundamentos científicos e filosóficos estabelecidos nos decorreres dos anos por vários pensadores.

Desse modo, este trabalho se torna importante partindo do pressuposto de que a maior forma de arte apreciada no Brasil hoje, é a música; a música tem a potência e ao mesmo tempo a sutileza de levar discussões importantes para todos os âmbitos da vida social. A música tem o poder de despertar sentimentos e transmitir as mais diversas mensagens. Ela também pode ser um registro histórico, falar sobre os problemas de uma época e ajudar a construir a identidade de pessoas e de um lugar. Nesse sentido trago a música com a lógica de denúncia epistêmica, a voz de todas aquelas que foram silenciadas durante séculos de atrocidade e exclusão. A arte da periferia/feminina, não é só um objeto estático para se observar, a arte periférica é movimento, é “ganha pão”, é denúncia, é resistência.

Minha intenção nesse trabalho é trilhar um caminho que leve a analisar experiências subalternizadas, para estar em consonância, com o encorajamento que Boaventura de Souza Santos faz em sua escrita de estar atento a uma produção que seja *a partir do Sul e com o Sul*. Levando em conta que a periferia em sua grande parte populacional é constituída de corpos pretos uma herança colonial como elucida, Florestan Fernandes. Está na hora de darmos vez e voz a todos/as aqueles/as que foram calados/as e silenciados/as durante tantos séculos; o colonialismo acabou, mas nos restou a colonialidade e cabe a nós quebrarmos com esses paradigmas estabelecidos a tantos anos. Arte também é ciência, e a arte da mulher negra precisa ser exaltada e reverenciada em todo o âmbito social com a importância que ela exige.

Vejo que a presença feminina no rap traz essas músicas como forma de protesto, como denúncia da realidade cruel vivenciada pelos corpos pretos femininos da periferia levando a discussão sobre racismo, machismo e sexismo onde a academia ainda não consegue chegar; na casa da Dona Maria, por exemplo. A ideia é trazer para o centro do debate, mulheres negras da

periferia da cidade de Fortaleza, capital do Ceará, em um movimento predominantemente masculino visando entender qual sua posição dentro do rap em sua região de forma a nos fazer repensar nossos padrões sociais. O presente trabalho tem como objetivo analisar as narrativas e as letras de músicas elaboradas por rappers mulheres e negras, percebendo o efeito e a relevância desse fenômeno na vida de jovens negras de periferia e como isso afeta, as atravessa e como impacta sua realidade, bem como investigar o que o rap representa na vida dessas mulheres; analisar como o rap contribui para as ações de resistência na luta antimachista e na produção de conhecimento da região ao qual se inserem; investigar como é a recepção dessas mulheres dentro do movimento do rap, além de analisar quais temas aparecem em suas músicas e as motivações para escreve-las.

## 2. PROBLEMA DE PESQUISA

Comumente conhecida como favela, a periferia é o lar de vivências, experiências, bem como conhecimentos apagados e negados assim como os corpos que nela habitam. A arte desde os anos de escravização foi usada como um símbolo de resistência da comunidade negra; escravizados resistiam expressando sua cultura, sua língua e sua arte. A arte de acesso fácil para os jovens de periferia é a música; poesias de rua. Rap é música, música é arte e arte é resistência, além de educação, pois nos traz conhecimentos que pouco sabemos sobre tais corpos.

A arte como forma de denúncia racial e também de gênero é um conhecimento que por vezes acaba ficando na bolha, que não estoura e nem ultrapassa os muros da periferia que é o objeto de estudo do presente trabalho e suas idealizadoras; mulheres pretas. Mulheres que buscam seu lugar ao sol, em uma sociedade que às silencia todos os dias. Pensando em questões como; 1) O rap e as narrativas de mulheres negras contribuem para denunciar as desigualdades sociais, o racismo, o machismo e auxiliam na produção de conhecimento? 2) Essas narrativas promovem uma luta antirracista e antimachista onde estão inseridas? Essas questões que me inquietavam e a partir delas que pude pensar esse trabalho.

Utilizando de narrativas de mulheres negras de diferentes bairros da cidade de Fortaleza, capital do Ceará, buscando investigar bem como analisar como o movimento do rap, que é majoritariamente composto por homens às recebeu, além de analisar quais temas aparecem nas letras de suas músicas e rimas, entender suas narrativas e contextos a qual estejam inseridas de forma que possamos traçar caminhos para que a problemática de desigualdade de gênero dentro do movimento que reflete o nosso contexto social seja amenizada.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Como o racismo chega até mim

*O racismo chegou até mim muito cedo; desde muito pequena eu sofria com várias violências simbólicas através de comentários ofensivos em relação ao meu cabelo que é crespo e também relacionados a cor da minha pele. (Suellen)*

Eu tive muita dificuldade durante a minha adolescência em me reconhecer como uma pessoa negra e me definia como parda, para não ser comparada com pessoas que tivessem a cor de pele mais escura que a minha. A escola foi um dos momentos mais árduos para mim pois meu cabelo foi meu pior inimigo, pois era algo que eu não conseguia esconder nem mudar quando mais nova, até que comecei a fazer processos químicos com o intuito de alisá-lo quando eu tinha apenas 12 anos de idade, mais uma vez para me distanciar da referência negra que era visível em meu cabelo. Cheguei a não querer ir para a escola por conta dos comentários que era submetida em relação ao meu cabelo. Eu alisei o cabelo até meus 15 anos de idade e fui praticamente obrigada a parar, pois, por ser muito nova e a química usada muito forte, acabei sofrendo um corte químico após um procedimento, foi, um processo que quase fiquei sem cabelo algum, isso ocorreu em 2016; meu ensino médio começou juntamente com a minha transição capilar forçada, no qual se iniciou um processo de redescobrimto da Suellen.

Em casa, meus pais me acolheram, mas a verdade é que eles também sofreram um adoecimento psíquico por conta de todo racismo estrutural que sofreram; minha mãe costumava dizer que eu não era negra, que eu era “moreninha” o que seria em termos gerais considerada como parda; mesmo sem ter consciência disso, minha mãe acabava contribuindo para esse meu afastamento de minha identidade negra. O que está em consonância com o sujeito que Stuart Hall (2006), chama de sujeito sociológico que é mudado conforme pessoas e situações que lhe atravessam, pois evidencia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que o núcleo interior do sujeito não é autônomo e autossuficiente, mas como dito anteriormente é formado pelas relações com “outras pessoas importantes para o sujeito”. Então como minha mãe sem dúvida é alguém de suma importância para mim, sua aprovação e sua fala acabavam por conduzir minha identidade conforme o que ela considerasse melhor, e por anos aceitei essa “dominação”

Seguindo essa linha de base percorri a trajetória que Neusa S. Santos (1983) retrata em seu livro *Torna-se negro*, quando elucida sobre amadurecimento, Neusa trata que existem duas

regras que permitem o sujeito ultrapassar a fase inicial do desenvolvimento psíquico que fazem com que o perfil de sua identidade seja desenhado por meio de duas perspectivas: 1º) a perspectiva do olhar e do desejo do agente que ocupa a função materna; 2º) a perspectiva da imagem corporal produzida pelo imaturo aparelho perceptivo da criança. E que quando acompanhamos o desenvolvimento biológico da criança, identificações normativas e/ou estruturantes permitem ao sujeito infantil o acesso a uma outra ordem do existente, a ordem da cultura, onde a palavra e o desejo materno não mais serão as únicas fontes de definição da “verdade” ou “realidade” de sua identidade. O dueto exclusivo entre a criança e a mãe é interrompido, confesso que meu arco para chegar nesse ponto de “ruptura” foi um tanto quanto demorado tendo em vista que só ocorreu quando entrei na Universidade.

Lembro também que por vezes quando eu contava a minha mãe que queria ser doutora e ser uma intelectual, ela dizia que eu sonhava alto demais, que chegar nessa posição seria muito difícil por ser eu ser “preta” e ainda ser mulher. A partir dessas reflexões, faço um diálogo com bell hooks (1995), quando ela menciona que por muitas vezes foi castigada pela família por ser inteligente demais, quando elucidava que ser demasiado inteligente era sinônimo de intelectualidade e isso era motivo de preocupação sobretudo se se tratasse de uma mulher, pois se tende a pensar que uma mulher que pensa demais dará “trabalho” para seus pais, talvez fosse essa a preocupação de minha mãe; que eu desse “trabalho”. E de fato eu dei, muito questionadora e que perguntava sobre tudo: Porque isso? Porque se faz assim? Porque não posso tal coisa? Era difícil responder tantos questionamentos que minha cabecinha possuía/possuí, então era mais fácil diminuir uma inteligência que vinha desde a infância por um: “Ela fala demais”. hooks (1995) questiona onde foram parar todas as crianças negras talentosas criadas em famílias em que seu brilho mental não era valorizado, mas virava perseguição e castigos

Minha mãe costumava dizer uma frase que é um dito popular, mas que não é de todo somente lenda, “Minha filha o mundo foi criado pelos homens e para os homens, entrar na frente é quase suicídio.” Pois foi imprimido em minha mãe um sentimento de servidão que como fala bell hooks (1995) o sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Vejo como o sistema adoeceu minha mãe, tirando dela até mesmo a vontade de tentar, fazendo com que as gerações que viessem depois dela fossem também adoecidas por esse medo e esse sentimento de incapacidade.

Eu não a culpo por isso, pois foi o único padrão que ela conheceu, eu culpo essa sociedade e esse sistema de exclusão que foi tão bem elaborado, que os oprimidos começaram também a reproduzi-lo. Carolina Maria de Jesus (1986), em seu manuscrito o Diário de Bitita,

exemplifica bem a relação de mulheres negras nos mostra como existem mulheres que diminuem outras mulheres, fazendo como minha mãe reproduziu comigo. Carolina teve a sorte de ter uma mãe negra que a compreendia eu particularmente, fiquei com a mãe mais parecida com sua tia Claudimira que dizia: “Ela precisa apanhar! Você não sabe criar filhos.”, muito apanhei por vezes sem necessidade.

Percebo como a narrativa de Carolina se parece com a de minha mãe; uma mulher negra, criada sem saber quem foi seu pai, por uma mãe e uma avó logo vejo que as cicatrizes que carrego, um dia foram de minha mãe, que sem possuir o poço de paciência como a mãe de Carolina acabou por repassar tais condutas, que não foram benéficas para nenhuma das mulheres de nossa linhagem. Carolina Maria de Jesus, refletiu em 1986 a realidade que vivemos a mais de séculos, e é provável que nossos filhos e as gerações que vierem depois ainda possuam traços dessa vivência, quando disse, “Os brancos eram donos do Brasil, não defendiam os negros. Apenas sorriam achando graça de ver os negros correndo de um lado para outro. Procurando um refúgio, pra não serem atingidos por uma bala”. (Jesus, 1986, p.57)

No final das contas, vai ser nós por nós. É nossa responsabilidade enquanto comunidade negra que foi escravizada e que sofre com as consequências desse sistema, lutar pelos nossos, pois nada é mais nosso do que a nossa luta. Ninguém melhor do que nós, para falarmos de nós mesmos; nos autoafirmarmos como somos e enfrentarmos todas as mazelas que nos atravessam e que nos impedem de ter uma vida plena, pois pessoas de fora de nossa realidade podem até nos ajudar nessa batalha, mas em suma são os nossos corpos que acabam mortos no chão.

### **3.2 Intelectualidade Negra e a presença negra na universidade: UNILAB**

*“A dívida que me assalta”.*

*(Suellen.)*

Quando cheguei na Universidade, me (re)encontrei como mulher negra. Precisei sair do meu lugar de comodidade, minha casa e ouvir outras pessoas e novas narrativas para perceber todas as violências que sofria e tinha como algo que fazia parte da normalidade. A universidade me forneceu as ferramentas necessárias para contestar tudo aquilo que eu via e me deixava desconfortável, como; piadas machistas e racistas, que via meus amigos fazerem e quietodos riam, mas que me deixavam um tanto quanto reflexiva em relação a visão de mundo que eles tinham, de forma que por vezes me calei e aceitei por achar que eu estava errada se

contestasse. Poder mostrar para minha mãe que por mais difícil que fosse, eu quebraria as barreiras que o racismo e o machismo colocaram na minha frente. Me reconheci como a mulher preta que sou, forte e potente, que por muito tempo teve a síndrome da impostora e que duvidava de sua capacidade.

Meu propósito é mostrar para todos ao meu redor a capacidade da mulher negra, de se reinventar onde ela esteja. Minha primeira professora negra foi na Universidade com 18 anos, na componente curricular Inserção à vida universitária com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacqueline da Silva Costa que não coincidentemente escolhi como orientadora para a realização desse trabalho, eu não tive referência de mulheres negras intelectuais potentes antes disso, assim como minha mãe também não teve, mas ela lutou muito para que eu pudesse ter a chance de chegar até a universidade, a chance que ela não teve. Quero mostrar para as jovens negras da minha comunidade que com esforço e muita dedicação é possível irmos longe, apesar de termos boa parte da população contra nós, me tornando também uma referência de mulher negra de origem periférica que teve todos os medos e problemas para dar errado, mas que deu certo pela sua determinação e potência. Uma potência que vem do berço, já nascemos predestinados a lutar só por nascermos negros, pois assim como Mano Brow<sup>1</sup> (2002) cita sua mãe em uma de suas músicas quando ela fala que: “Filho, por você ser preto, você tem que fazer duas vezes melhor.”, a nossa realidade nos impõe que sejamos os melhores em tudo que pretendemos fazer, não podemos ser medíocres ou “pequenos”, não temos espaço para errar ou descansar, pois se errarmos terá alguém bem do nosso lado dizendo: “Eu sabia que ele/a não ia conseguir”, precisamos colocar nossos corpos pretos em lugares de destaque, em posições de poder, precisamos exorcizar demônios que adoecem nossa comunidade.

A ampliação do acesso ao ensino superior brasileiro por meio de cotas raciais, oficializada por meio da Lei Federal 12.711/2012,<sup>1</sup> tem favorecido um quadro político-social de inclusão da população negra e indígena em universidades e institutos federais antes nunca visto no país. De acordo com dados informados pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), até 2016 “graças à Lei de Cotas, atualmente, segundo o Ministério da Educação (MEC), 20% das vagas para estudantes das universidades públicas federais já são ocupadas por pretos, pardos e indígenas” (SANTOS; SOUZA, 2006, p. 46). A informação elucida uma melhora significativa sobre a presença de negras e negros nas universidades públicas, se comparada à quantidade de 1,8% de pretos e 2,2% de pardos nas

---

<sup>1</sup> Um rapper de reconhecimento internacional, Pedro Paulo Soares (São Paulo, São Paulo, 1970). **Rapper, compositor e líder dos Racionais Mc's**. Cresce na zona sul de São Paulo, na região dos bairros Capão Redondo e Parque Santo Antônio.

universidades públicas no ano de 1997. No entanto, esses dados também revelam que a paridade entre negros e brancos no ensino superior ainda não é uma realidade. Dessa forma, segundo Juliana S. Santos (2019) desde a primeira metade dos anos 2000, as universidades públicas começaram a se deparar com questões que até então eram abordadas em proporções pouco expressivas em pesquisas no país, como o racismo institucional, o racismo epistêmico e o papel das universidades quanto às demandas de inclusão racial diante das comunidades que as cercam. Como a autora frisa, aqui reitero que há necessidade de que a atual expansão do ensino superior não passe pela simples inserção de negros e indígenas nas universidades, é necessário que haja uma mudança interna em todos os meios universitários, aos currículos, ementas de disciplinas, bem como às políticas de permanência estudantil e acolhimento psíquico.

Porquanto, a luta e os avanços do Movimento Negro têm permitido também conquistas importantes, no âmbito da educação básica, me refiro a aprovação da Lei 10.639 (BRASIL, 2003), em 09 de janeiro de 2003, que altera a Lei no 9.394 (BRASIL, 1996), de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira” (SANTOS, SÔNIA. Q.; MACHADO, VERA LÚCIA C.2008). A Lei federal 10.639/03 que determina o Ensino de história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos “Porque, reconheça-se ou não, o Brasil é parte do mundo africano, uma vez que 54% de seus habitantes são afrodescendentes.” Nós marcamos a sociedade brasileira com jeito de ser, viver, pensar, construir a vida, construir a cidadania.

Com base nesse pensamento destaco a relevância da colaboração dessa lei para a presença desse importante conteúdo em salas de aula. Em 2019 tive a oportunidade de elaborar um artigo científico (não publicado) para a componente de Leitura e Produção de texto II, que usei como análise a escola de ensino médio técnico onde estudei, para pesquisar a aplicação da Lei 10.639/03. Nesse artigo foi encontrado como resultado que os ensinamentos sobre Africanidades e cultura Afro-Brasileira, particularmente nessa escola profissionalizante que fica na região do maciço de Baturité – CE, ficam somente em questões rasas e que não abrangem de forma eficiente os ensinamentos que o continente africano pode representar, argumento levantado pelos/as próprios/as professores/as de História da instituição, que declaravam não abordar de forma concisa tais ensinamentos pois os/as mesmos/as não obtiveram em sua formação.

Dentro desse contexto trago a criação Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), que segundo Osmaria Rosa Souza; Bas’Ilele Malomalo (2016) é um projeto de Ação Afirmativa, marcada pela instituição da Comissão de Implementação, em 2008, apresentou-se como um sinal de aproximação efetiva entre o Brasil

e a África. Pela lei de sua fundação, suas diretrizes e seu estatuto, a UNILAB é uma universidade pública brasileira, estruturada no princípio da cooperação solidária, e tem por missão a integração de seus membros e seus países de origem, pertencentes à Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e, de modo especial, os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

Na Unilab, pude ter acesso às informações culturais dos povos africanos, e isso tem feito diferença na minha formação. É relevante para a valorização de suas diferenças e para que haja o reconhecimento individual das suas origens, já que essas culturas não são valorizadas conforme deveriam, nos reconhecemos como parte da luta antirracista de forma a engajarmos, e não somente assistirmos os outros lutarem por nossos direitos. O currículo diferenciado, do Curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades; com componentes relacionadas aos países da CPLP, nos possibilitou estudos e aprendizados que de acordo com o meu pensamento deveriam ser ensinados desde o ensino fundamental, pois são de suma importância para formarmos pessoas que pensem fora do padrão hegemônico. Ao estudarmos componentes que nos mostram a realidade de países africanos que jamais buscaríamos voluntariamente, por não parecer tão interessante assim, mas que quando temos a oportunidade de conhecer e entender, é notório o quanto é um conhecimento rico de diversidades, de pluralidades e afins.

Viver a experiência de estar inserida em um curso, o Bacharelado em Humanidades com essa potência multicultural, e enriquecedora fez de mim alguém que quer enxergar além do que é mostrado, buscar novos caminhos, conhecer novas pessoas, novas narrativas, movimentos que eram invisíveis aos meus olhos, mas que estavam bem ali na minha frente. Quando entrei na UNILAB, foi em um contexto que meu curso estava passando por “reajustes”, que ameaçavam findar o curso, onde houve mudanças em cargas horárias e entre outras burocracias, logo após pude vivenciar a experiência de uma ocupação universitária que durou algumas semanas, onde se lutava pelo Edital 120 Trans (formadas) que foi embargado por uma canetada/*twitt* do atual representante do Governo Federal, contra o programa Future-se que o Governo Federal cogitou implementar e contras diversos cortes em bolsas. Nesse momento de luta que foi poucos meses após minha entrada na instituição pude perceber que os anos que passaria nela, não seriam puramente de estudar e estar em salas de aulas, mas que estaria em movimentos, em assembleias estudantis, em ocupações, em protestos e em diversos outros movimentos que não cabem em palavras, pois a Unilab como instituição que surge com o viés transgressor, faz parte de sua espinha dorsal todos esses movimentos coletivos como movimento negro, movimentos indígenas e quilombolas, LGBTQIAP+, movimento de internacionais além do movimento estudantil.

Quando se fala em educação no nosso país, temos o hábito de comemorar, pois ainda conseguimos a mesma de forma “gratuita”, pois não pagamos diretamente por ela apesar de nossos impostos serem elevadíssimos, é necessário reconhecer que a precariedade é presente, principalmente relacionados a produção de conhecimento. Não somos estimulados a produzir conhecimento, a produzir saberes, muito menos a investir em nossa intelectualidade.

Como bell hooks (2013) bem fala em seu livro *Ensinando a Transgredir* precisamos começar a mudar nossos meios educacionais, pois viemos de uma educação engessada e centralizada de forma que nossos professores acabam por adquirir um déficit antes mesmo de começarem sua carreira na docência, que vem de sua formação acadêmica, onde seus currículos são construídos sistematicamente com a visão europeia. Hooks (2013), elucida que não existe nenhuma educação que seja politicamente neutra, pois a partir do momento que se escolhe uma linha de pensamento para repassar para seus alunos, você está também perpassando tudo aquilo que essa determinada corrente aborda, de forma que se perpetua paradigmas.

Precisamos também reinventar nossas instituições para que possamos contribuir para a nossa formação afim de que ela seja mais plural, assim como Hooks (2013) também nos ensina que “É preciso instituir locais de formação onde os professores tenham a oportunidade de expressar seus temores e ao mesmo tempo aprender a criar estratégias para abordar a sala de aula e o currículo multiculturais.” (Hooks, 2013, p.52)

Estudando na Unilab que é uma universidade visivelmente, além de majoritariamente preta, vejo como temos caminhado para esse multiculturalismo nas formas de educação, apesar de ainda serem poucas nossas referências dentro da Unilab de escritores/as negros/as, elas existem, e querendo ou não, se tornam as nossas referências de potência na comunidade negra. Em uma sociedade que insiste em nos matar, é altamente importante que tenhamos referências que nos represente, que se assemelhe às nossas vivências, que nos dê a esperança necessária para que possamos seguir buscando a nossa independência intelectual de forma que possamos contribuir também para a gama de saberes que compõe a comunidade negra intelectual. Construir pensamentos emancipatórios em uma sociedade como a nossa é uma batalha árdua diária, pois nós representamos todo um povo que foi subjugado e não falamos somente por nós mesmos, precisamos ser responsáveis por tudo aquilo que escrevemos e compartilharmos em nosso meio.

Produzir um texto científico me traz o sentimento de pertencimento no movimento, pelo meu povo, saber que estou contribuindo para a caminhada de nossa libertação de verdade, por vezes chego a me questionar se isso que estou a fazer é de fato ciência, pois cresci duvidando

de mim mesma e de meu potencial, muito me identifico com um trecho de uma música do *Rapper* negro paulista Delacruz (2019) quando ele fala que: “Meu menino é um deus ateu, pois em algum momento vai duvidar de si.”, Temos potências e forças inimagináveis, mas infelizmente nascemos em uma sociedade que nos diminuiu por séculos e nos criou descrentes de nossa força e de nossa capacidade enquanto mentes pensantes.

Quando Grada Kilomba (2019. p. 53-54) disse que, “A ciência não é um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em quem acreditar”. Ela nos provoca a repensar nosso modo de fazer ciência na universidade, a nos colocar em um outro lugar nesse movimento de produzir conhecimento a partir do nosso lugar de fala, com posição política.

Nesse sentido, vimos que a produção de conhecimento do povo negro, foi submetida a classe de “não-ciência”, sendo considerada e que seria senso comum, de forma que não deveria ser compartilhado pois ninguém poderia garantir que seria verídico. Logo podemos notar que os meios de inferiorização da comunidade negra foram diversos, e em inúmeros setores da vida em sociedade. Ao começarmos a conquistar nosso espaço no meio intelectual, vemos como dominamos teorias e ferramentas para escrever sobre nossas vivências que trazem riquezas enormes de narrativas que por vezes foram silenciadas, além de exercemos uma relação de poder com a escrita pois parafraseando Kilomba (2019) a “passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como ato político”, nos tornamos os/as pesquisadores/as e não somente o objeto de estudo; algo exótico que precisa ter seu comportamento estudado, nos tornamos agentes políticos de nossa própria libertação, de forma que caminhamos para uma equidade intelectual que possa reparar os séculos de obscuridade em relação as/aos nossas/os intelectuais.

Construí este trabalho a partir de fontes fornecidas por aqueles três elementos formadores da escrivência de Conceição Evaristo (2006): corpo, condição e experiência. Como a própria aborda, o primeiro elemento é reportado como à dimensão subjetiva do existir negro, eternizado na pele e na luta constante por afirmação e subversão de estereótipos. A representação do corpo funciona como um ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que permeiam a nossa vida. O segundo elemento, a condição, aponta para um processo narrativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam o que está sendo enunciado pelas diferentes personagens que foram e serão apresentadas no decorrer do trabalho. A experiência, por sua vez funciona como construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e poder de persuasão à narrativa que pode ser discutida.

### 3.3 A trajetória do Rap no Brasil

*“Tanta ofensa, luta intensa nega a minha presença  
Chega! Sou voz das nega que integra resistência”*

(Drik Barbosa- Mandume)

O rap tem o papel de denunciar o racismo sofrido pela comunidade negra periférica e a precariedade da vida em uma periferia, pois seu nascimento vem de origem periférica. O rap como movimento surgiu em meados dos anos 1970, o movimento se originou nas periferias das grandes cidades, de forma cultural, como forma de cultura e expressão, com o passar dos anos viu-se uma necessidade de se ouvir a voz daqueles/as que habitavam nessas periferias. Então começou a ser utilizado como forma de resistência, além de profissão que emprega desde o/a artista em si, até produtores/as musicais. Um movimento que reflete narrativas de encontro com personalidades existentes dentro de si mesmo, que busca dar visibilidade aqueles/as que não são reconhecidos pela grande mídia, de forma que podem se expressar por meio de suas letras e rimas.

O hip-hop é identificado como movimento que surge nos guetos novaiorquinos nos anos 1970 e que se expandiu mundialmente, tornando-se uma referência fundamental principalmente para as minorias, étnicas na Europa e para jovens negros, residentes em bairros periféricos das grandes metrópoles da América Latina e África. (FREIRE, 2018)

Os espaços públicos são delimitados para a mulher, e o principal argumento para essa delimitação é de que existem obrigações que ela deve cumprir, como ser mãe, dona de casa, não ter idade suficiente e porte físico para desempenhar determinadas atividades que o homem pratica. Dentro da ótica do hip hop, onde é categorizado como uma cultura de rua, esse espaço no senso comum é restrito para a mulher segundo o que retrata Lima (2014).

A figura feminina é pouco vista nesse cenário, pouco ouvida e pouco falada apesar de sermos mais da metade da população do país. Tendo em vista que a sociedade excluiu a figura da mulher como pessoa social, nota-se que esse movimento apesar de surgir como algo transgressor, teve também suas indiferenças em relação as mulheres dentro do movimento.

A arte foi nossa forma de existir e resistir, e a música como expressão de sentimentos foi frequente em nosso país. Teperman (2015) põe sob exame duas noções amplamente aceitas no universo do hip-hop, em seu livro *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*: primeira o significado da palavra “rap” enquanto sigla para rhythm and poetry – ritmo e poesia, e segunda, o distrito nova-iorquino do Bronx como local de surgimento do gênero musical. O

autor elucida que a palavra rap, foi a muito tempo adicionada aos dicionários de inglês, isso desde o século XIV, e se refere nesses dicionários como algo parecido com “bater” ou “criticar”, antes do estouro que foi o rap como gênero musical, esse termo já interpassava por contextos de jogos de baixo custo popularmente usados por jovens negros.

Como o autor deixa evidenciado: “Não é pouca coisa, e não é à toa que a etimologia de rap como sigla para ritmo e poesia ‘colou’”. Pois se torna como uma forma mais simples de compartilhar com o máximo de pessoas possíveis, vejo como o fato do rap ser uma arte de rua, que por muito tempo foi banalizada por conta de seus idealizadores. Além disso, o autor reflete sobre como os africanos trazidos como escravizados para o trabalho nas Américas e a dos latinos de países da América Central, e seus primeiros descendentes contribuíram decisivamente para o surgimento de gêneros como blues, jazz, rock, soul, além do próprio rap, especialmente os jamaicanos levaram ao Bronx o costume das festas de rua movidas a equipamentos de som e microfones acoplados de forma que o rap tomou conta das ruas e não de bailes fechados, mas era/é uma cultural completamente de cunho popular.

No que se refere ao contexto brasileiro, Teperman (2015) nos elucida como ocorreu a construção do que é conhecido por muitos no meio artístico como “quinto elemento” o conhecimento, a politização. Quando traz à tona as raízes do rap nacional nos contextos de “bailes blacks” em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro que foram estados precursores do movimento no Brasil, entre as décadas de 1970 e 1980, o autor também faz uma análise minuciosa sobre a movimentação de b.boys e Mc’s nos encontros na estação de São Bento e em outras localizações do centro de São Paulo nos anos de 1985 e 1988, assim como lembra a dilatação de posses e coletivos de hip-hop na periferias paulistana a partir dos anos 1990. Podemos citar artistas como Racionais Mc’s, Sistema Negro, Thaíde e Dj Hum, Dj Jamaika, Marcelo D2, MV Bill e entre outros que foram percussores do movimento no nosso país, os primeiros que abriram as portas para que pudéssemos ver o rap como ele é hoje. A grandeza que o movimenta tem em meio a periferia veio de corpos que de dentro da periferia, conseguiram crescer e fazer seu nome no movimento, e na história do país.

A relação dos rappers brasileiros com seus pares do hemisfério norte é descomplexada, ao mesmo tempo que cheia de admiração. Mais do que o tabu da cópia, o rap brasileiro nos anos 1980 buscou lidar com o desafio de inventar sua própria tradição. (Suellen)

Quando Teperman (2015) disse que o rap é “Uma rede comunicacional de periferia para periferia forjada sobre a experiência comum que normalmente conjuga exploração de classe e opressão étnico-racial.”, vejo como as relações de comunidade se baseiam em semelhança de experiências, por conta de grande parte da população que consome o rap ser

moradora de periferias, as letras e músicas retratam perfeitamente a realidade que vivem, de forma que se sentem representados naquelas narrativas que ganham força no âmbito nacional. Diferente de outros gêneros musicais que não retratam tão bem suas vivências, o rap tem como o assunto principal, transmitir essas narrativas existentes dentro da periferia, que são silenciadas e pouco vistas no setor cultural de nosso país.

Dessa forma, o rap vai além de um simples som para se ouvir, o rap é contracultura, o rap é resistência, o rap é grito de afirmação. Emicida (2019) retrata isso perfeitamente quando fala em seu último álbum que *“hoje cedo não era um hit, era um pedido de socorro.”* Assim as músicas de *rappers* vão além do fazer artístico, elas fazem parte do ser político. Quando eu ouço rap e repercutu em minhas redes sociais, estou querendo que todos/as aqueles/as que estão ao meu redor, vejam como eu vejo; a riqueza da periferia, a riqueza do povo negro, a grandeza de fazer arte-educação. São incontáveis as contribuições educacionais do movimento, que é conhecimento apesar de muitos considerarem que não, é um tipo de educação que vem das ruas, que escola nenhuma te dará. Sem dúvida é de suma importância se manter inserido no sistema educacional, no entanto, para jovens de periferia comer é mais urgente do que ler, então trabalhar é mais vantajoso do que estudar, o rap nos mostra essa realidade. Nos mostra por que tantos jovens negros de periferia se inserem no mundo do crime por vezes ainda crianças, Fação Central (2003) retrata isso na música *‘Eu não pedi pra nascer’*, que fala: *O meu playground não tem balança, escorregador, sua a mãe batia perguntando quanto você ganhou?*

É fato que a multidiversidade que existi na periferia é refletida nas produções de *rappers* da nova geração dos últimos 20 anos, o que culminou na mudança de se produzir rap e trouxe várias modificações no estilo, fazendo com que subgêneros surgissem, com o advento da internet e meios de comunicação que perpassam os jovens da nova geração *rapper*. Como Teperman (2015), traz quando confronta os aspectos revolucionários da popularização e a pluralização que são retratadas na “nova escola” do rap, que seriam esses jovens artistas como Emicida, Projota, D’jonga que são *rappers* negros de uma nova geração que vem com a base feita em artísticas renomados como Racionais, mas que também já conquistaram seu espaço no âmbito musical fazendo um rap um tanto quanto diferente, de seus anteriores, ainda assim cheios de críticas e denúncias, mas que aparecem de forma mais branda se comparadas as produções da “escola antiga”, que o autor refere aos *rappers* da primeira geração.

### **3.4 A presença feminina no Rap**

*“A força da mulher, presente em todos os lugares onde ela vai, seja fisicamente ou intelectualmente. Só mata quem atira.”*

*(Suellen)*

As mulheres foram subalternizadas e excluídas de nossa sociedade, por vezes infantilizadas e imbecilizadas. A figura da mulher, assim como bell hooks (1995) elucida dentro das hierarquias de sexo/raça/classe dos Estados Unidos sempre esteve no nível mais baixo. O topo da estrutura social foi quem oficialmente nos apagou e às demais cadeias seguiam o padrão pois, como não faziam parte do “topo do mundo”, por estarem “acima” de pessoas negras principalmente mulheres, fazer parte do grupo que oprimia servia como alívio para diminuir a sua própria opressão. De forma que foram adoecidos, por esse sistema de pirâmide, noto como a colonialidade nos deixou sequelas que hoje lutamos para que sejam reparadas.

IMAGINE VIVER EM UM MUNDO EM QUE AS MULHERES são consideradas tão menores, tão inferiores, tão confinadas ao espaço doméstico, tão irrelevantes, que não mereçam ser estudadas. Um mundo em que as mulheres não são dignas de ter sua história contada. Assustador, não é? Pois vivíamos exatamente nesse mundo até poucas décadas atrás. E, se essa condição tem mudado, é graças à luta feminina. (Gerda Lerner, 2019 grifo da autora)

Não seria diferente em âmbitos sociais da vida como em movimentos como o rap, muito se fala de homens dentro do movimento principalmente homens negros. Interessante ver como os homens também dominaram esse espaço apesar de ser um lugar de contestação de racismo, desigualdade sociais e questões da periferia, no rap é pouco visto ação de mulheres, o que não representa a realidade já que as mulheres também fizeram/fazem parte do movimento, no que se refere a contestação de gênero. Podemos ver isso bem retratado na música Homenagem de março, quando a *rapper* diz assim: *Em março chama as minas pra sua festa, E no resto ano todo boicota elas na 'line'*, nos mostrando que mesmo dentro de um movimento que tem o viés transgressor, existe uma discriminação com o corpo feminino.

Em seu texto sobre Hip-hop e as contestações de gênero presentes nele, Rebeca Freire (2018) elucida como se deu a entrada das mulheres no movimento do rap quando fala que:

As hip hoppers descobrem, nesse movimento de caráter masculinista e masculino, uma “brecha” para a entrada das mulheres e de suas pautas políticas, interessadas em utilizar o aspecto de protesto.

As mulheres dentro do movimento utilizam de suas letras, para denunciar o machismo e o racismo que se entrelaçam em suas narrativas, pois ser mulher já nos traz uma dificuldade de se manter viva nesse país, e ser uma mulher preta deixa nossa caminhada duas vezes mais difícil, pois como dito anteriormente a mulher negra é a base da pirâmide social do nosso país. Kimani (2019) poeta de slam negra da cidade do Rio de Janeiro construiu um poema para a

divulgação de uma nova temporada da série *The Handmaid's Tale* que fala sobre a exploração do corpo da mulher, com a justificativa da religião completamente deturpada, e seu poema diz:

Meu corpo sangra, senhor tem dó. E há quanto eles determinam nossas vidas. [...] Eu sei, cada um sabe bem a dor de ser o que é, mas quem é que sentir na pele o que passa uma mulher? [...] E eu digo: liberdade sempre foi palavra ausente no nosso vocabulário. E tá claro, nós sexo frágil do lar, somos o capacho. E o corpo treme ao deleite de outrem, mulher não tem direito a nada só o outro tem, todos os dias um abuso, um corpo roubado e o gosto amargo de ser descartável. [...] Não! As minhas não tardarão, não silenciarão e a isso eu não me presto. Mostra pra eles, mulher, que estar viva por si só já é um manifesto.

Dito isso, podemos ver que o corpo feminino já está se manifestando só de existir, e existir em nosso país requer da mulher negra uma habilidade de se transformar e se reinventar conforme os lugares que ela pode habitar. Conforme os anos se passaram é notório a conquista da mulher dentro do espaço musical, principalmente relacionado ao movimento do rap, como presente em outros gêneros musicais também. A mulher por muito tempo foi usada como objeto de “admiração”, em vários gêneros de nossa cultura, e quando a mulher conquista seu espaço nesse meio, usa de sua voz para reorganizar preceitos de sua própria imagem. Pois a partir desse ponto a mulher está falando dela mesma, e retratando aquilo que de fato ela seja.

Em *O diário de Bitita*, Carolina Maria de Jesus (1986), expressa uma visão de quando criança que eu particularmente compartilho até hoje,

Fiquei abismada. Será que o homem é tão bom assim? Por que as mulheres brigam por eles? Então o homem é melhor do que cocada, pé-de-moleque, batatas fritas com bife? Por que será que as mulheres querem casar-se? (JESUS, 1986. p.11)

Por que será que as mulheres querem se casar? Está aí, uma pergunta que de vez em quando me assombra; por que será que precisamos ter um homem ao nosso lado, para que sejamos validadas e reconhecidas? Por que o nosso puro conhecimento e capacidade não são necessários para nos mantermos em destaque? Teoricamente precisamos de nosso pai primeiramente e posteriormente de um marido, para que esse nos domestique nos amanse, para que possamos viver em sociedade. Digo que não precisamos nos amansar, acredito que rebelamos até um pouco tarde. Dentro do movimento rapper é necessário que haja representação

feminina, pois se reencontrar em outros corpos que estejam lutando pelo o que você também acredita é de suma importância pra todo e qualquer movimento.

Pois, quando a Angela Davis (2016) disse que o único feminismo possível é interseccional, ela estava retratando que é um lugar onde os preconceitos de gênero, raça e classe se interligam de forma a criar uma estrutura de opressões que precisam ser reivindicadas em conjunto.

#### 4. METODOLOGIAS E MÉTODOS

Inicialmente existiu o desejo de realizar esse projeto analisando músicas do grupo masculino negro de rap nacional Racionais Mc's de forma crítica e decolonial que nos proporcionaria perceber questões pertinentes que são levantadas em suas letras de trabalho, e usaríamos da revisão da literatura para tal, no entanto no decorrer do processo de elaboração do projeto tive a percepção de notar que estava fazendo parte do padrão hegemônico realizando mais uma pesquisa sobre um grupo masculino, que apesar de negro, ainda possui mais privilégios que mulheres. Dito isso, decidi mudar o foco do trabalho trazendo mulheres negras para o centro do debate; DE ELAS, COM ELAS E PARA ELAS, foi um projeto elaborado por uma mulher preta que fala sobre mulheres pretas, com a colaboração de mulheres pretas, escrito para que mulheres pretas leiam.

Assim a pesquisa é qualitativa, que segundo Demo (1998) significa, o esforço jeitoso de formalização perante uma realidade também jeitosa. Trata-se de uma consciência crítica da propensão formalizante da ciência, sabendo indigitar suas virtudes e vazios. Portanto, o que se ganha e se perde com cada método.

Analisei as narrativas que pude coletar, como uma amostragem do contexto social presente no movimento do rap. É notório que duas entrevistas não são suficientes para embasar todo o movimento em uma cidade que possui aproximadamente dois milhões de habitantes, a intenção era com que fossem entrevistadas em torno de 10 (dez) mulheres. Entrei em contato com todas elas mas obtive retorno de 6 (seis) delas, no entanto no momento de realizar as entrevistas de fato, algumas delas acabaram desistindo, não me foi repassado os motivos, mas imagino que nem todo mundo queira se expor dessa forma, e justamente por isso preservei a identidade verdadeira das mulheres que aceitaram participar da pesquisa, cada entrevista teve a duração de cinquenta minutos em média, de onde fiz o recorte necessário que pudesse embasar os objetivos dessa pesquisa. Também utilizei, de letras de músicas que as rappers me disponibilizaram em trechos da entrevista,

As técnicas de pesquisa, usadas foram questionários com perguntas abertas e semiestruturadas. O modo como as entrevistas individuais ocorreram foi no formato online via Google Meet, tendo em vista que ainda estamos em contexto pandêmico, foram realizadas duas entrevistas com rappers do movimento local da cidade de Fortaleza – Ceará, residentes dos bairros da Parangaba e Jangurussu com idades de 17 e 26 anos respectivamente, apesar de serem de bairros diferentes as rappers frequentam os mesmos eventos, as mesmas batalhas e tem os

mesmos círculos dentro do movimento, em suma, isso foi de extrema importância para que se pudesse entender o contexto ao qual estão inseridas. É importante dizer que para preservar a privacidade e identidade das sujeitas desta pesquisa foram utilizados de nomes fictícios.

**Tabela 1 – Descrição das sujeitas da pesquisa**

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Bairro</b>	<b>Cidade</b>
Yasmin dos Santos	17 anos	Parangaba	Fortaleza - Ceará
Maria Cristina Alves (nome social Macri, mãe de dois filhos)	26 anos	Jangurussu	Fortaleza - Ceará

As entrevistas se deram por meio de perguntas abertas, que segundo Demo (1998) pode ser a porta de entrada para um mundo de representações sociais mais subjetivas, e por isso mais profundas e determinantes, à medida que permite a fala descontraída, realista e natural, a não-linearidade de respostas sobre realidades tipicamente não-lineares. Desse modo fornecem o diálogo necessário para a compreensão de suas narrativas, existiram perguntas bases para delimitar os assuntos abordados que foram:

1. Como o rap surgiu na sua vida?
2. Qual a importância que o movimento tem na sua trajetória?
3. O que te motiva a continuar no movimento?
4. Como você foi recebida dentro do movimento?
5. Você teve referência feminina? Se teve quem foi?
6. Você sente resistência a sua presença?
7. Como você usa sua voz dentro do movimento? Do que você fala em suas letras e rimas?
8. Qual seria o mundo ideal dentro do movimento pra você?

A pesquisa tem sua abordagem teórica alicerçada na oralidade, escrevivência e experiências de vida em Conceição Evaristo e Patrícia H. Collins que segundo Evaristo (2017) nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, é... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, é..., ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los

dos seus sons injustos. E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo.

Além do pressuposto levantado por Patrícia H. Collins (2019) quando fala que a interseccionalidade é na verdade, uma importante ferramenta analítica oriunda de uma práxis-crítica em que raça, gênero, sexualidade, capacidade física, status de cidadania, etnia, nacionalidade e faixa etária são construtos mútuos que moldam diversos fenômenos e problemas sociais. Collins (2019) também afirma que “nem todas as intelectuais foram escolarizadas. Nem todas as intelectuais negras estão no meio acadêmico.”

Por conseguinte, traçando uma interlocução entre as falas das mulheres que pude ter o prazer de compartilhar vivências e experiências, que lhes refletiam umas nas outras, e que também refletiu nessa autora que vós escreveis, além de refletir também em suas músicas sentimento perpassados por todas nós.

## 5 ANÁLISE DAS NARRATIVAS

A análise dos dados foi dividida em quadros, que seguiam a lógica dos objetivos específicos da pesquisa, buscando relacionar as narrativas com temas categorias que se destacavam em cada momento. Assim foi possível traçar semelhanças e diferenças em suas realidades, que na verdade se convergem.

### 5.1 Sobre o que o rap representa na vida dessas mulheres

#### Quadro 1 –

Nome	Resposta
<b>Yasmin</b>	Precisava de alguém aqui no fone dizendo: “Tá tudo bem, não desiste”. O rap me abraçou, então eu só retribuí e tento passar isso pro máximo de pessoas. O rap salva vidas, não é brincadeira falar isso, ele salva vidas e é muito pesado falar isso, porque ele me salvou, e eu sei que salvou muitas pessoas.
<b>Maria Cristina</b>	A Macris é o meu escape. Eu tenho uma entidade fortíssima que é a Macris, porque a real que é a Cristina, é fraquíssima. Mas ela salvou minha vida, o hip-hop salvou minha vida. [...]é por isso que salvou a nossa vida, porque dentro do hip-hop eu encontrei outras pessoas que são que nem eu, que são inseguras, que têm traumas, que têm transtornos, mas que quando sobem no palco, criam uma parada totalmente diferente. Porque é um assunto que mexe real, é pior que falar de relacionamento, porque é minha vida cara.

Quando chego nesse momento consigo perceber o quanto as narrativas dentro do movimento se convergem, apesar da diferença de idade e de localidades, as mulheres entrevistadas costumam frequentar as mesmas batalhas, os mesmos eventos e tem o mesmo círculo de vivências no movimento, o que me leva a entender que suas narrativas vão ao encontro com o que a idealizadora do projeto que posteriormente acabou se tornando uma ONG: “A Arte Salva”, a indígena Karina Duarte, “a cultura é o instrumento mais nobre e socializador, que pode salvar as pessoas que estão cegamente procurando a luz.” Segundo informações de seu próprio site A Arte Salva, é um projeto social que promove atividades artísticas que visam a promoção humana, educacional e cultural com o objetivo de emancipação de crianças e jovens do antigo maior lixão da América Latina - localizado em Jardim Gramacho, Duque de Caxias - Rio de Janeiro. Que bom seria se todos/as os/as jovens do nosso país pudessem ter a oportunidade de participar de um projeto como esse, que visa a qualidade intelectual das crianças que vai além da sala de aula, e que humaniza nossa realidade de forma a somar em sua vida como um todo.

Após ouvir atentamente as narrativas dessas mulheres uma certeza cresce dentro de mim, de que essas mulheres foram salvas pelo movimento e segundo sua própria história de vida lutam para que outras pessoas possam ser salvas também, tendo um papel de suma importância em sua vida.

Em consonância com o que afirma Candau (2003) quando menciona que cultura é um fenômeno plural, multiforme que não é estático, mas que está em constante transformação, envolvendo um processo de criar e recriar. Ou seja, ao estar inserido/a em um movimento como o rap existe a prerrogativa de que sua vida será impactada de formas que não se pode prever. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu "poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade" (Schwarz, 1986, pag. 106 Apud Hall 2006), de forma a se sentir incluído e representado dentro de um movimento cultural que reconheça seu potencial enquanto artista, o que está ligado com a identificação pessoal na cultura a qual se insere.

## 5.2 Sobre como o rap contribui para as ações de resistência na luta antimachista e na produção de conhecimento

### Quadro 2 –

Nome	Resposta
<b>Yasmin</b>	Porque o rap é um meio muito machista, querendo ou não. Eu participei de um evento recentemente, que só tinha três meninas na <i>line</i> . Foram só três mulheres na <i>line</i> , do evento inteiro, e a gente teve que dividir 30 minutos, foi 10 minutos para cada. Todos os caras tinham no mínimo 30 minutos cada um. Eu quero estar em um evento porque eles gostam da minha arte e não porque eu sou mulher. Eu não quero cota. Se a gente não for atrás, eles não vão chegar para a gente e dizer: Vem vocês. A gente tem que chegar e ir atrás, e é muito difícil. Senti que tinha muitos homens que queriam se aproximar de mim com segundas intenções. Não tem como falar de rap e não falar de luta, não falar de movimento social.
<b>Maria Cristina</b>	Como a <i>cena</i> é muito masculina, os caras só queriam me “queixar” mesmo. Eu me identifiquei com a produção cultural, e aí eu fiz uma parceria com o Kuka da UEE, em um edital que nós passamos para favorecer a cultura da Caucaia e junto com essa parceria a gente tinha um recurso todo mês, e todo mês eu fazia um evento para favorecer a cultura da Caucaia. O último que eu fiz foi o “Só Cumade”, que foi no dia das mulheres e foi uma feira de empreendedorismo feminino. Só mulheres empresárias. Depois eu fiz uma roda de conversa, documentei tudo e tô produzindo esses vídeos na Caça-níqueis com meu irmão, ele é meu câmera.

No quadro n. 2, ambas as entrevistadas relatam situações de assédio onde estavam inseridas, que segundo suas narrativas os homens só se aproximavam delas com intenções sexuais e não com relação de trabalho; para fazer *feat* ou algo relacionado a cultura musical, reiterando o que já foi abordado anteriormente neste trabalho sobre a objetificação do corpo feminino, que segundo Hooks (1995) é a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Dito isso é notório perceber que apesar do movimento surgir com uma ideia de quebrar paradigmas, usando de suas letras para fazer denúncias de racismo e discriminação social, dentro do próprio movimento existe muito sexismo envolvido evidenciando que está enraizado em nossa sociedade a cultura da objetificação da mulher.

Relacionando com a luta feminista, vemos a importância desse trabalho realizado por uma das entrevistadas que foi de extrema importância na região da Caucaia- CE que ajudou de forma sucinta na cultura da região à impulsionando, além de contribuir no quesito empresarial da região tendo em vista que realizou uma feira de empreendedorismo que visava somente a atuação feminina no mercado comercial, onde só se encontraram empresárias mulheres, evento esse que foi documentado e está em fase de preparação para publicação. Acredito que depois de publicado vai favorecer mais mulheres de sua região, mostrando as possíveis possibilidades existentes em suas realidades.

### 5.3 Mulheres inseridas no Movimento

#### Quadro 3 –

Nome	Resposta
<b>Yasmin</b>	Eu já fui muito bem recebida daí quando estava só na poesia; meus amigos sempre me apoiaram muito. As manas da cena, elas me abraçaram de uma forma surreal.
<b>Maria Cristina</b>	Primeiramente, ninguém me via como artista. Algumas pessoas começaram a prestar mais atenção no que eu fazia, mas de primeira, não teve ninguém não. Eu pagava com auxílio emergencial um <i>beat maker</i> para poder gravar, e aí ele gravava da forma como ele queria, não tinha interação. Ele não ouvia as minhas ideias, todas as músicas que eu gravei, eu não lancei porque eu não gostei. Até dizer: “car****, eu vou ter que fazer, vou ter que abrir meu computador, pesquisar e estudar.” Virei madrugadas, eu tive que aprender de produção cultural até mercado musical, eu tive que aprender de tudo pra poder fazer o meu trabalho. No começo, foi uma <i>bos**</i> . Não teve ninguém abraçando não. O abraço veio agora. Eu falei até para a Yasmin, você tem muita sorte, porque vocês entraram agora na <i>cena</i> e já vão fazer show. Eu tô desde os meus 23, faz 3 anos que eu tô tentando.

Início este parágrafo destacando a diferença existente entre as falas das entrevistadas, acredito que essa diferença possa se dá pela diferença de idade e de inserção no movimento. Cristina entrou no movimento a alguns anos e não teve uma boa recepção da comunidade, então teve que lutar para ser ouvida, por ser mulher em um movimento que é em seu cerne masculinista, seu começo no movimento foi conturbado e difícil. Mãe solo de dois filhos precisava sustentar sua família e o movimento não lhe permitia, pois as portas não abriram tão facilmente.

A entrevistada relata que não era vista como artista o que dialoga com Hooks (1995) quando menciona que mais que qualquer tipo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas só corpo sem a mente. Anteriormente a mesma evidenciou que os homens presentes no movimento só se aproximavam dela para lhe “queixar”, o que pode ser entendido como lhe seduzir. Assim como Hooks (1995) enfatiza que os corpos femininos negros são vistos como símbolo sexual e são postos numa categoria em termos culturais tida como bastante distante da vida mental.

Em contrapartida, Yasmin que começou no movimento a pouco mais de um ano, foi muito bem recebida e teve apoio de seus amigos, além do apoio das mulheres que já tinham se inserido no movimento antes dela. A partir disso podemos traçar uma linha cronológica em relação a inserção no rap de Fortaleza e podemos evidenciar que quem foi na frente sofreu bastante, e teve que se colocar na posição de abrir as portas para aquelas que viessem depois, que segundo Hooks (1995) acabam por fazer o mesmo papel que nossas ancestrais do século XIX que só através da resistência ativa exigiram nosso direito de afirmar a nossa presença intelectual. Yasmin teve uma certa “facilidade” porque a Cristina já havia enfrentado os monstros maiores, assim como outras mulheres também terão mais “facilidade” porque Yasmin também já está lá, é uma cadeia de subserviência de mulheres que lutam por mulheres.

#### 5.4 Representatividade feminina

##### Quadro 4 –

Nome	Resposta
<b>Yasmin</b>	A alguns anos atrás quem sofreu mais com isso, foi as manas que estavam começando. Eu sofri, mas sofri menos. Tem manas que vieram antes de mim, e eu acho que eu ter sido muito bem recebida, mesmo sem saber, foi graças a elas; a Macris, a Zabely que vieram antes de mim que a 4/5 anos atrás já estavam começando no corre dando as caras. Por que se elas não tivessem chutado a porta, e falado: “mano, esse aqui também é meu lugar,” eu não teria atravessado o caminho tão facilmente. As minhas referências falavam isso pra mim através de letras, que eu não tô lutando só por mim, eu tô lutando por quem vem depois também.

<p><b>Maria Cristina</b></p>	<p>Ela é inteligente demais. Ela veio falar comigo sobre desistir eu falei assim “Yasmin, agora tu vai ter que parar e pensar como é que vai ser a tua vida daqui a 10 anos, se tu não parar, daqui a 10 anos tu vai ser muito mais monstra.” Isso entra pra mim como uma cobrança também, porque às vezes a Maria Cristina quer matar a Macris. Então quando tu fala pra mim que eu abri porta pra Yara por exemplo, que é uma monstra, eu escuto a Yara todo dia, eu escuto a música dela, eu gosto do que ela faz. Elas falam e tal, mas eu nunca parei pra pensar, tipo, porr* eu impactei mesmo. Começaram a abrir portas realmente quando viram que as meninas estavam se juntando. Eu falei para a Yasmin semana passada, “amiga, eu tô cheia de problema e eu vou sair de todos os projetos, eu vou sumir, eu vou desaparecer”; eu pensei que a Yasmin ia falar altas coisas para me motivar e aí ela mandou um áudio dizendo assim “Eu faria o mesmo.” E aí foi f*** por que eu vi que ela também estava desmotivada, eu tentando motivar ela, eu comecei a entender o que me move a ser a Macris. Se eu desistir, é muito fácil pras outras meninas também desistirem.</p>
------------------------------	--

Nesse momento podemos ressaltar a importância do reconhecimento existente nas mais novas dentro do movimento, relatando que sem as mais velhas poderiam não ter chegado aonde chegaram, evidenciando que as mulheres que vieram primeiro são sua referência dentro do movimento.

E eu tô na luta por quem veio antes, então é o que eu estava falando se não tivesse Zabely e Macris, talvez não teria Yasmin. Se não tivesse Camila CDD, Dina Di, Negrali talvez não tivesse Macris e Zabely, não tivesse Yasmin e nem as que vem depois, entendeu? É uma cadeia que vem de lá, das “mina” que vem de lá, enfim. (Yasmin)

Eu falei até pra Yasmin, porque eu tive a ideia de fazer uma “Cypher” com a galera da nova geração, então era meninas de 17 até 20 anos, aí eu chamei esse pessoal, levei lá na casa dos meus pais, que foi onde eu montei o meu estúdio, e aí eles começaram a fazer a “Cypher” e tal, e aí eu falei pra Yara se um *boy* tivesse feito o que eu tô fazendo, todo mundo já tinha visto, porque eu tava produzindo outras pessoas e tal e a gente conhece varia produtoras de Fortaleza que são de homens, não tem uma mulher, não aparece e eu tive a ideia né? (Maria Cristina)

Ser mina no rap é muito mais pesado, muito mais difícil e carrega muita luta também. Ouvir algo de encorajamento e ser outra mulher falando aqui é muito mais forte pra mim, ouvir isso é muito massa. (Yasmin)

O parceiro que eu tinha ele não aceitava o que eu falava nas minhas letras, ele não aceitava as roupas que eu vestia, ele não aceitava a *cena* que eu frequento, porque a *cena* que eu frequento é masculina, então ele me julgava de outras coisas, **é a solidão da mulher no hip-hop, é complicado.** (Maria Cristina, Grifo nosso)

Ele é muito seu, mas ao mesmo tempo ele é muito nosso (o rap). É muito minha (a narrativa), muito sua e muito de outras pessoas e vai somando e isso é muito massa de ver e eu sinto muito forte isso em mim, e eu consigo perceber que tu também sente isso muito forte em ti e outras pessoas também **e a gente pode se juntar pra fazer isso ser mais forte, pras outras pessoas verem que isso é real.** (Yasmin, Grifo nosso)

Elencando com o que é mencionado pelas mais velhas que se sentem representadas nas mais novas, por verem sua caminhada de perto e ter o sentimento de que as mais novas precisam de sua experiência para melhor se adequarem no movimento, o que pode ser

relacionado com o que Collins (1997) elucida sobre grupos, que segundo ela tem um grau de continuidade ao longo do tempo de tal modo que as realidades de grupo transcendem as experiências individuais. O que fica aparente quando notamos que em vários momentos as artistas pensaram em desistir por conta de N motivos em sua vida pessoal, mas acabavam voltando atrás quando pensavam no coletivo do movimento, evidenciando que o sentimento de coletividade falava mais alto em seus corações.

Como evidencia Lélia Gonzalez (1984) mais do que compartilhar experiências baseadas na escravidão, racismo e colonialismo, essas mulheres partilham processos de resistências, de forma que se fortalecem entre si, buscando sempre a coletividade do movimento feminista dentro do rap nacional em Fortaleza – CE, lutando umas pelas outras.

## 5.5 Temas geradores das músicas

### Quadro 5 – Pergunta: Quais temas aparecem nas músicas dessas mulheres sobre representatividade feminina

Nome	Resposta
<b>Yasmin</b>	Música e poesia, eu sempre falo muito isso, é sentimento por extenso. Quando você está escrevendo você está dizendo o que você está sentindo ali no momento e eu comecei por que eu tinha muita crise de ansiedade, vontade de desistir de tudo e aí eu aliviava aquele peso nas minhas letras, eu me sentia livre, é isso. Eu me considero muito versátil, por que eu sou muito de momento, eu escrevo sempre que dá.
<b>Maria Cristina</b>	A gente mexe com alter ego, então hoje eu posso tá fazendo um <i>love song</i> , que eu tô apaixonada sei lá, mas amanhã eu posso tá falando de outra parada, então o que eu tô vivenciando é o que vai me motivar na hora de escrever.

Vamos basear essa tabela com base no que fala Conceição Evaristo (2017) sobre escrevivência, quando fala que “nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. Assim fica evidenciado que as mulheres entrevistadas encontram em seu processo de escrita uma libertação de sentimentos, tendo em vista que se expressam através de suas letras e poesias. Em certo momento da entrevista ambas recitaram trechos de músicas suas que achavam que lhe definiam de alguma forma, tornando público sentimentos íntimos.

Yasmin tem uma música que na letra ela fala de ancestralidade e representatividade:

*“Eu tô nessa pelas minhas, minhas ancestrais e pelas que vem depois, eu não vou desistir da luta pela mãe na labuta, limpando chão de poeira. Dessa vez a bruxa não vai pra fogueira.” (Yasmin)*

E outra que fala sobre alteridade que atravessa barreiras físicas que diz:

*“Toda vez que eu escrevo tem uma parte de mim, e quando tu ouve tem uma parte em ti.” (Yasmin)*

Em outro momento Yasmin também escreve sobre a importância do movimento em sua vida:

*“Fé em Deus e nas crianças tenho dito, e eu só paro se ele der o veredito que essa po\*\*\* é minha vida e eu não sei se cês me entende porque só quem vive sente.” (Yasmin)*

Cristina também segue essa linha de raciocínio quando escreve que:

*“se tem meu respeito mantenha, porque eu tô nojenta que nem minha mãe, atrás de um grande caráter tem o corre da vida com minhas manas, um aro que passado de uma pra outra que nem eu que morreu na chama.” (Cristina)*

A rapper também tem letras de sentimentalismo interior que é colocado para fora com o intuito de chegar em quem precisa, além de mencionar o peso de ir na frente abrindo portas para as mais novas:

*“pros meus parceiros vida longa, eu peço paz no meu som, a voz fala o que vem de dentro quando tem o dom. Todas as vezes que eu fiz silêncio atrás de explicação alguma coisa me dizia ‘você não corre em vão’, é o peso do fardo de ser referência, é foda.” (Cristina)*

Em outro momento também escreve sobre a importância do processo de escrita das músicas e poesias em sua vida:

*“eu tô contra o tempo, e sim não é passa tempo, eu sei o momento de recomeçar, e levo a sério sei bem o que quero, além de gostosa, boto pra gerar, meus filhos me olham com orgulho, estamos mui bem não se preocupe, no corre sou eu e quem quer luta, meu corre sou eu!” (Cristina)*

Foi possível evidenciar que o processo de escrita das *rappers* vai ao encontro com as narrativas levantadas pelas próprias, mostrando suas letras que refletem sua vivência assim como abordado por Conceição Evaristo, que ao escrever, é interpelada a assumir uma posição-sujeito que denuncia a situação vivida pela população negra brasileira em condição de miséria.

Desse modo, as rappers assim como Conceição denunciam não somente porque observam e a descrevem, mas porque, sobretudo, somam-se à condição dessa população e lhes emprestam a voz em diferentes movimentos, com a esperança que esse gesto ecoe e seja sentido pelos seus leitores, certamente pessoas que vivem em condição diferente.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu entender como se dá a vida de mulheres negras inseridas no movimento do rap na cidade de Fortaleza – CE e como essas mulheres refletem suas vivências em suas músicas.

Para que possamos traçar caminhos para amenizar a desigualdade de gênero existente dentro do rap que é o reflexo de nossa realidade social, a partir de uma pesquisa qualitativa ancorada na teoria da oralidade, na escrevivência e em experiências de vida, utilizando da ferramenta das entrevistas que ocorreram de forma online via Google Meet, tendo em vista o contexto pandêmico a qual ainda estamos inseridos/as. Para se atingir uma compreensão das narrativas e as letras de músicas elaboradas por rappers mulheres e negras, percebendo o efeito e a relevância desse fenômeno na vida dessas jovens de periferia e como isso as afeta, as atravessa e como impacta sua realidade, definiu-se quatro objetivos específicos.

Verificou-se que o rap é um impulsionador de suas trajetórias de vida, não somente por ser um trabalho, ou uma profissão, mas por fazer parte de quem elas são. Como relatado por ambas as mulheres, o rap as salvou, evidenciando a importância que o movimento carrega em cada uma delas, que sua vida sem o rap não seria a mesma.

A análise permitiu concluir que as mulheres inseridas no movimento, buscam interagir com outras mulheres que precisem de sua contribuição como uma ajuda em relação a traçar rumos na carreira, apresentar produtores/as além de convites para *feat*'s. e produções conjuntas, além da produção de feiras de empreendedorismos voltado somente para o público feminino, visando a melhoria empresarial da região, bem como projetos que impulsionam a cultura feminina local.

Pode-se concluir que existiu uma disparidade em relação às entrevistadas que se acredita que se deve por sua diferença de idade e de inserção no rap; pois quem veio primeiro não foi muito bem recebido/a, e quem veio depois foi abraçado/a logo de início, com isso podemos ressaltar a importância dos/as precursores/as de todo e qualquer movimento social, que abrem portas para as gerações seguintes também poderem usar sua voz.

E por fim, analisar quais temas aparecem nessas músicas, a partir desse objetivo pode ser levantado que as letras de suas músicas não seguem um padrão de escrita, pois são seus sentimentos e sentimento não se controla, as rappers costumam escrever sobre o que estão vivenciando no momento independente da origem desse sentimento, que pode ser um sentimento de amor romântico, amor fraternal, motivacional, indignação e entre outros temas.

Com isso, a hipótese do trabalho de que embora o movimento ter surgido com um viés transgressor no que refere a denúncias de racismo vividos na periferia, porém o movimento tem suas inconstâncias em relação as mulheres, se confirmou, tendo em vista os dados levantados pelas entrevistadas que relatam momentos de assédio, resistência a sua presença além da falta de apoio no quesito de produção.

Sendo assim, o problema de pesquisa levantado neste trabalho, foi a arte como forma de expressão e como, produção de conhecimento. Mas, podemos ver também que a não visibilidade desse conhecimento traz desafios e conflitos para o próprio movimento, principalmente quando direcionado às mulheres rappers e intelectuais negras. Isso foi perceptível, pois para produzir suas músicas uma das entrevistadas precisou criar a sua própria produtora, por que produtoras existentes lideradas por homens não davam a real importância ao seu trabalho, não o considerando arte.

Utilizamos da entrevista semiestruturada como ferramenta para a coleta de dados, o que foi uma escolha muito pertinente tendo em vista a natureza do trabalho que buscou entender as narrativas e vivências de suas protagonistas. A entrevista semiestruturada permitiu que perguntas fossem direcionadas para a locução das sujeitas, para nortear o diálogo, de forma que fossem abordados aspectos que fossem relevantes para a pesquisa, a partir das perguntas novos assuntos foram se desenhando com a decorrência da entrevista.

Em pesquisas futuras acredito que este trabalho seria uma ótima produção audiovisual, como documentários ou filmes que retratem mais a fundo a realidade das mulheres protagonistas desta pesquisa, mostrando as batalhas que elas frequentam, os eventos aos quais são chamadas, como é a realidade de um estúdio criado por essas mulheres, em quais lugares escrevem suas letras, acompanhando sua vida e seu cotidiano dentro do movimento do rap na cidade de Fortaleza- CE lado a lado.

## 7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOAVENTURA, S. S Meneses, M.P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almedina, 2009.

BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9. 394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília

BRASIL. Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010. **Dispõe sobre a Criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab e dá outras providências**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm). Acessado em 10 jan. 2015.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação escola e Cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, 2003.

COLLINS, Patrícia Hill. **Comentário sobre o artigo de Hekman “Truth and Method: Feminist Standpoint Theory Revisited”**: Onde está o poder? Signs, v. 22, n. 2, 1997. [Tradução de Juliana Borges]

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 2. ed. Cambridge, UK: Polity, 2020 [2016]. Tradução de Rane Souza.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

DEMO, Pedro. **Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo**. Rev.latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abril 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/wSwfj7n6VCZJ4gShkMCFf9f/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 20/07/2022.

DUARTE, Karina. A Arte Salva. Disponível em: <https://www.artesalva.com/> Acesso em 17/07/2022.

EVARISTO, Conceição. **Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento** [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017a. Apud REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; SIPPEL Juliano. **A Escrivência de Conceição Evaristo como reconstrução do tecido da memória brasileira**. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/download/23381/24574/62235> Acesso em 19/07/2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **Significado do Protesto Negro**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

FREIRE, R.S. **Hip-hop: espaço de contestação das convenções de gênero?** In: Hip-hop feminista? Convenções de gênero e feminismos no movimento Hip-hop soteropolitano [online]. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2018. Bahianas collection, n. 20, pp. 129-161. ISBN: 978-85-232-1862-1. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984. Disponível em: <https://goo.gl/VFdjdq> Acesso em: 19/07/2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em: [https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com\\_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf](https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf) Acesso em 07/07/2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Intelectuais Negras**. Revista de Estudos Feministas, vol. 3, nº2, Florianópolis, UFSC, 1995, pp.464-478.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. / Gerda Lerner; tradução Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019.

LETRAS. **A vida é um Desafio** - Racionais Mc's. Disponível em: <https://www.lettras.com.br/racionais-mcs/a-vida-e-um-desafio> Acesso em: 26/04/2022

LETRAS. **Deuses Ateus** - Pineapple. Letras. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/pineapple/deuses-ateus/> Acesso em: 26/04/2022

LETRAS. **Manifesto - The Handmaid's Tale**. Letras. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/kimani/manifesto-the-handmaids-tale> Acesso em: 26/04/2022

LIMA, F. Mércia. **Mulheres no Hip-Hop: A identidade feminina em um movimento juvenil e artístico- cultural**. 2014. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2231/873> Acesso em 26/04/2022.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte 7(MG): Letramento, 2017.

SANTOS, Neuza Souza. **Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

SANTOS, S. Juliana; **O discurso sobre as cotas raciais antes da Lei 12.711/2012: letramentos acadêmicos e a ampliação do acesso ao ensino superior no Brasil**. Rev. Bras. Linguíst. Apl., v. 19, n. 1, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/LhV3f3K86VRZZcDRBLzXwTH/abstract/?lang=pt> Acesso em 10/07/2022.

SANTOS, Sônia. Q.; Machado, Vera Lúcia C. **Políticas públicas educacionais: antigas reivindicações, conquistas (Lei 10.639) e novos desafios**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio

de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 95-112, jan./mar. 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/6xCmx9B3ttTnN4f6RL8XNrv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 06/07/2022.

SILVA, Petronilha Beatriz; SHUJAA, Mwalimu J.; SANTOS, Nilsa; et.al. **Aprendendo e interpretando História e cultura Afro-Brasileira e Africana, a partir de visão de mundo Africana.** In: LOANGO, Anny Ocoró; CORDEIRO, Maria José de Jesus Alves. Negritudes e africanidades na América Latina e no Caribe. 2. ed. Caribe: Ribeirão Gráfica e Editora, 2018. p.19-30

SOUZA, O. R.; MALOMALO, Bas'Ilele. **Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e os desafios da integração perante o racismo contra os/as estudantes africanos/as no Ceará.** 2016

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil.** São Paulo: Claro Enigma, 2015.